O IV Centenário da Companhia de Jesús

(Discurso oficial pronunciado pelo Dr. Andrade Furtado na sessão solene do dia 27 de Setembro)

Há quatrocentos anos, o mundo contemplou espetáculo verdadeiramente inaudito... Um pugilo de bravos lançou-se ao tentame hercúleo de restaurar a disciplina da Fé, segundo o pensamento da Igreja.

À frente, encontrava-se a figura singular de combativo asceta, possuído de indomavel poder de vontade.

A Ordem que fundara merecera a benção paternal e a aprovação canônica do Sumo Pontifice, Paulo III, na Bula "Regimini Militantis Ecclesiaæ".

Desde esse dia, a terra foi estreita para teatro das ações assombrosas desses "homens de ferro", que tudo sofreram para dilatar no Universo o reino de Cristo.

O maior dos nossos aedos cantou os Jesuitas, em estrófes épicas, que jamais se apagarão dos fastos da literatura indígena:

«Eram eles que o verbo do Messias
Pregavam, desde os vales às serranias,
Do polo ao equador...
E o Niagára ia contar aos mares
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!»

O Papa Pio XII, pacificamente reinante em meio das terriveis tormentas da guerra atual, afirmou, ainda há pouco, que é sabido de sobejo o amor e

o apreço que nutre, no inmo do peito, para com os autores de tão imorredouras façanhas.

Desse enternecido sentimento do Pai comum da Cristandade, milhões de católicos participam, na passagem memoravel da data, quatro vezes secular, em que foi instituida a benemérita sociedade missionária.

Os anais dessa milícia evangélica estão repletos, com efeito, de fatos da mais subida significação.

Agiram os organizadores do exército de vanguarda da Igreja, sem a previsão dos altos desígnios da Providência a seu respeito.

No dizer de comentador ilustre — Deus é que planeava, oculta e misteriosamente, a sua obra.

A fundação da Companhia de Jesús é, sem dúvida, um desses episódios para que não se encontra explicação natural. Somente o influxo da inspiração divina pode justificar cometimento de tão extraordinário porte.

Se remontássemos a alguns anos atrás, encontraríamos na corte de Espanha um oficial elegante e gentil a disputar entre as aventuras das batalhas e os torneios dos salões, a primazia entre os fidalgos da época.

As ordens do duque de Najera, partira em defesa da cidade de Pamplona contra as falanges de Henrique d'Albret.

No choque renhido, dera os mais assinalados testemunhos de exímia bravura e firmeza moral.

Estava alí para guardar a cidadela. Resistiria a todo transe, fossem quais fossem os perigos, deante da superioridade dos assaltantes daquele trecho da pátria, invadido pelos inimigos da sua nação e do seu rei.

Rendida a fortaleza pela artilharia, os franceses prestaram homenagem ao destemor do guapo militar, que dirigira o combate, de fio a fio, e alí jazia estendido sobre uma camilha, com a perna direita fraturada à bala.

Inácio de Loiola terminara, assim, a luta desigual.

Nada há de mais nisso. Envolveu, entretanto, um caso tão trivial inefavel segredo da graça.

Poucos meses mais tarde, aquele esbelto capitão de Castela estava transformado num peregrino de estrada, a esmolar de pouso em pouso, de cidade em cidade.

Havia, na sua atitude, incompreensivel para os conhecidos de outrora, dos dias de magnificência das suas brilhantes paradas de cavalaria, uma espécie de heroismo desencaminhado, como entendera alguem...

Visionário ardente, povoa-se a sua alma de sonhos, que o conduzem a longas jornadas até Roma, até Jerusalem.

Frequenta, depois, as famosas universidades, sempre envolto num halo de predestinação, como tangido por inelutavel fadário.

Aquele mendigo de 35 anos apenas empunha, agora, uma gramática e versa compêndios clàssicos de filosofia.

Promove reuniões, em salas de enfermaria, nos hospitais, e erguem-se contra ele suspeitas que quase o levam das masmorras às fogueiras da Inquisição.

Vai posto em liberdade, nada ficando provado contra a ortodoxia das suas doutrinas.

Novamente envolvido em inquéritos, é, ainda, declarado inocente.

Resolve mudar de meio, porquanto se sentia perseguido por ignotas intenções.

De Alcalá, dirige-se a Salamanca, onde não é menos desconfiada a sociedade em que se move.

Tronspõe, então, os Pirineus, toma a estrada de Orleãs e chega, a final, às portas de París.

É naquele amplo cenário, que se há de exibir aos olhos do mundo o estudante retardatário, que, durante ano e meio palmilha os meandros da lingua latina, com sofreguidão e tenacidade.

Pela mão de Pedro Fabro, entra para o "Colégio de Santa Bárbara", em busca de estudo de melhor quilate.

O obscuro mendicante exerce em torno da sua personalidade atração inexplicavel...

Seduz para o tirocínio da pobreza três companheiros dos labores escolares.

Surge uma celeuma intensa. Procede-se a investigações, para esclarecer dúvidas. Vem, depois, a nova absolvição do temerário aliciador, tão mal sucedido nas suas primícias de proselitismo.

Quem diria, em face disso, que estava reservado, àquele vexilário intemerato da Grande Cruzada da Fé, alargar pela superfície intérmina do planeta o domínio de Cristo, por plagas da América e da África, da Ásia e da Oceânia!

Hoje, que quatro séculos foram decorridos da instituição da Companhia, podemos aquí examinar, sem delongas, o valor de tão árduo empreendimento para reduzir povos infiéis.

Nessa investida titânica, Inácio de Loiola, segundo a observação de pensador emérito, teve inicialmente de forjar os seus heróis.

Ouví dizer — escreveu, numa linguagem de simplicidade encantadora, Edmundo Auger — ouví dizer ao nosso habil manejador de homens que a massa mais trabalhosa que teve de plasmar foi aquele incomparavel Francisco Xavier, nos seus cameços...

Era jovem, galhardo e nobre biscainho. Tendo estudado com esmero filosofia e retórica, fazia pouco caso de Inácio, que, a esse tempo, «vivia pobremente, de esmolas de amigos; nem passava por ele que não troçasse dos seus planos».

Não estava disposto, aquele gentil-homem, a abandonar os comparsas da roda folgazã, nas suas travessuras faceiras e finos lances de galanteria.

Inácio, por sua vez, não estava disposto a ceder a ninguem o colega altivo, desembaraçado e imaginoso, que tanto se celebrizara nos devaneios da inteligência.

Um dia, a fascinação de Inácio empolgou num relâmpago o espírito sequioso de fama do condiscípulo renitente, que se pôs sob a direção incondicional do antigo contendor, em que reconheceu qualidades de perfeito chefe.

Durara três anos a luta, pertinaz e contínua, para conduzir aquele navarro de têmpera varonil ao caminho áspero da Verdade.

Os "vândalos do Cordeiro" poderiam asseverar, mais tarde, que nunca teriam empreendido a trans-

formação do globo, se tivessem consultado as luzes da prudência humana.

Por isso, nas circunstâncias mais tormentosas, abandonavam-se a Deus com absoluta confiança, como se a felicidade dos negócios tivesse de vir do Alto, por uma espécie de milagre. Não obstante, punham todos os meios em execução, a fim de alcançar o êxito desejado, como se tudo dependesse, exclusivamente, da sua indústria e operosidade.

Dedois da vitória alcançada sobre Francisco Xavier, o terreno estava aplainado para a realização da sua estratégia.

O primeiro passo foi a oblação de toda a sua vida, aos pés da imagem da Virgem Puríssima, no Santuário de tanto fervor, situado na vertente meridional de Montmartre, de onde não se apagou a lembrança do martírio de São Diniz e seus companheiros.

De lá, daquela colina maravilhosa, os primeiros Jesuitas contemplaram a planície rasa, em que assenta a Cidade-Luz.

Tanta opulência escondia tanta miséria!

A confusão turbilhonante das idéias, das vaidades e das ambições chegava até os seus ouvidos, como um clamor em prol do desenvolvimento do programa traçado.

Estava em causa, na verdade, a sorte do mundo.

Ou a Igreja, numa reforma intrépida, encontrava a salvação, ou, na afirmativa de uma autoridade, ver-se-ia envolvida no báratro de uma demolição anárquica.

Tiveram, de antemão, a perspectiva dos fortes recontros nos campos de batalha, desenrolados ao seu olhar de montanheses do infinito, acostumados às grandes alturas.

Quando, ao descer a noute, Inácio e os seus compromissados tomaram o caminho da cidade, traziam resoluções inabalaveis e vinham abrasados no desejo impávido de cumprir a sua missão árdua e fertil em perseguições, tanto de amigos como de inimigos.

Estava delineada a monumental fortaleza da Igreja.

Mas o que é a Companhia de Jesús?

Um terço de tropa agil, a ocupar a dianteira das legiões mobilizadas de Cristo-Rei, sob uma regra religiosa, e nada mais.

Tropa que se mantem sempre alerta, pronta, a qualquer instante, para todo gênero de escaramuças.

Um Jesuita, comenta originalmente Paul Doncoeur, não é nada de mais. É um soldado que não tem peso de bagagem ao empreender a sua marcha.

Alguem já disse, com certo humorismo, que os Jesuitas são homens que se levantam às quatro horas da madrugada, para rezar às oito da noite as Ladainhas de Todos os Santos...

Isso significa, simplesmente, que não existe nada de extraordinário na vida do Jesuita.

A sua regra, acentua um escritor moderno, tem apenas um efeito:—acumular forças espirituais e libertá-lo de todas as exigências.

Não lhe impõe nenhuma obrigação particular. Prepara-o somente para aceitar todas as que se fizerem necessárias.

Pregar, confessar, ensinar, escrever, nada é excluido do que possa contribuir para louvor de Deus e bem do próximo.

Voltaire, a pesar do seu sectarismo contumaz, traçou estas palavras cheias da salutar evocação do tempo em que passou num colégio da Companhia:

«Durante sete anos que vivi na casa dos Jesuitas, que vi entre eles? A vida mais laboriosa e mais frugal, todas as suas horas ocupadas entre os cuidados que nos prodigalizavam e os exercícios da sua profissão austera.

Como eu, podem atestá-lo milhares de alunos. Não haverá um só que se atreva a desmentir-me.»

A citação do filósofo de Ferney é, seguramente, de reconhecida eloquência.

«Nenhuma sociedade religiosa, sem excepção, se pode orgulhar—escreveu d'Alembert — de um tão vasto número de homens célebres nas ciências, nas letras e nas artes. Quase não há uma classe de escritores em que ela não conte sumidades autênticas.»

Nos "Exercícios Espirituais" encontrou Santo

Inácio o pábulo da perfectibilidade para os seus discípulos.

Eles representam bem, com toda a certeza, o cerne da Congregação.

Êsses "Exercícios" — sentenciou o douto padre Ravignan—não são o nosso instituto, mas são a sua alma e a sua palma.

Sobre os "Exercícios" disse Edgar Quinet: «A obra que encerra todo o seu segredo, obra extraordinária, verdadeiramente fascinadora que se confunde com a sua vida, é o que Tácito chamava os Arcanos do Império... Estamos aquí no próprio manancial originário da Companhia.»

Para o alemão Boehmer, esse livro minúsculo, a pesar das suas diminutas proporções, é dos que decidiram dos destinos da humanidade.

Foi esse compêndio de sínteses surpreendentes que fez do Jesuita o cavaleiro andante das partidas heráldicas, para dilatação crescente do reinado social de Jesús-Cristo.

A vida que leva não tem, como afirma abalizado psicólogo contemporâneo, nem as longas contemplações dos Cartuxos, nem o ofício, as penitências e o silêncio dos Cistercienses, nem a pompa da Liturgia dos Beneditinos.

Não seria nada, não teria sentido algum, se não fossse isto: um amor ardente, demonstrado pelo serviço total do Pai Celeste na Companhia de Jesús, às ordens da Igreja e do seu Chefe, sempre como Ele quiser, quando Ele quiser e enquanto Ele quiser...

Em qualquer conjuntura, o Jesuita traz consigo, na expressiva alegoria do padre Guigues, o Crucifixo dos seus votos...

Por issso ele é sempre aquele padre calmo, santo, sobranceiro, o Piaga do Amor, de que nos dá luminoso perfil, em versos lapidares, o cantor dos escravos.

Diante do bugre iracundo e feroz, falava sorrindo:

«Irmãos, eu vim trazer-vos minha vida. Vim trazer-vos Jesús!»

E quantas vezes a voz do martir sobre a fogueira, *murmurava ungida, entre o fumo e a luz:*

«O' morte, és o viver!»

Mas isso não é fantasia da inspiração poética, neste ardente clima dos trópicos.

No Canadá ou na China, às margens do Zambeze ou Ganges, a fibra é sempre a mesma.

São os couraceiros de aço que o solitário de Manreza soube fundir no cadinho purificador da meditação nos mistérios da Cruz.

Todos possuem a mesma têmpera do invicto padre Brebeuf, trucidado pelos iroqueses, entre requintes de pervesidade, e que «sofria como um rochedo»...

A imensa extensão do território brasileiro foi palmilhada pelas sandálias do Jesuita, desbravador das selvas e do coração das gentes.

Aos seus passos, nasciam escolas e capelas. Como por encanto se aldeavam os aborígines missionados, surgindo da flora virgem os primeiros centros de atividade intelectual.

Ouçamos a opinião acatada do distintíssimo e aristocrático escritor Eduardo Prado, sobre a ação da Companhia de Jesús, no Brasil:

«A obra dos Jesuitas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e mílhões de seres que viviam como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planícies revelados ao mundo por esses inumeraveis viajantes da Companhia, que eram santos, geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sobre as novas terras formam, por si sós, bibliotecas, que a posteridade relê, aprendendo.»

É por isso que o eminente Capistrano de Abreu, o maior conhecedor da nossa evolução etnográfica, fez sentir que não se pode escrever, em separado, a História do Brasil, tão entrelaçada ela se encontra com a História da Campanhia de Jesús.

Por outro lado, o conspícuo Barão de Studart, nome que nesta casa se pronuncia com a reverência e a saudade de um culto de afeição inextinguivel, considera a consolidação do domínio colonial português, neste hemisfério, fruto legítimo da abnegação e do sacrifício dos descendentes de Santo Inácio.

Quem poderá, com efeito, avaliar ao justo o esforço sem par dos palinuros da Civilização, que prepararam a rota franca à vitória do Cristianismo, nas possessões do Império?!

Quem será capaz de somar as fadigas extenuantes, os gestos de altruismo, os assomos de caridade dos edificadores do monumento de Pátria unida e bela, livre e forte, qual é a nossa, arrancada à selvageria dos costumes e à rudeza dos sentimentos dos habitantes primitivos desta extensíssima Índia Brasílica?

Em nosso rincão, na altaneira Ibiapaba, caiu fulminado um desses artífices ciclópicos da construção da Nacionalidade.

A ousadia do padre Francisco Pinto, afrontando, por amor da catequese, as iras dos temerosos tocarijús, teve por comovente epílogo a morte trágica desse valoroso Jesuita.

Depois de haver conseguido a pacificação dos habitantes da zona do Jaguaribe, partira para as fronteiras do norte esse sacerdote tão conhecido e estimado dos índios da capitania do Ceará, em cujo sertão, nas mãos dos gentios tapuias, deu a vida, segundo o depoimento de Simão de Vasconcelos, *em uma gloriosa missão de obediência.*

Esse padre Francisco Pinto, o "heróico Amanaiara" das crônicas de então, com o seu não menos intrépido companheiro padre Luiz Figueira, mais tarde igualmente devorado, conforme assevera Vicente do Salvador, pelos selvagens aruãs, na ilha do Marajó, selou com o sangue do martírio a primeira página da nossa epopéia na marcha para o Oeste.

Ensina Varnhagem que a Companhia de Jesús disseminou os seus arautos por toda a imensidão do País, e, com isso, favorecendo a unidade do seu ministério sagrado, concorreu, poderosamente, para assegurar a do Brasil, «entabolando mais frequência de notícias e relações de umas vilas para outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer a fraternidade entre os habiatntes das diferentes capitanias».

A essa magnífica e sólida estrutura da maior organização política e social do Continente—a obra

dos Jesuitas em Terra de Santa Cruz — quer render o Instituto do Ceará, nesta empolgante solenidade pública, o seu preito de glorificação e reconhecimento.

Outrora, quando as matas intrincadas cobriam as planícies do litoral, fechando as portas das florestas à penetração de pés estrangeiros, os filhos de Santo Inácio abriram as cortinas verdes das selvas às entradas das bandeiras civilizadoras.

Iam à frente aqueles campeões da Igreja, desempenhando o seu papel de vanguardeiros do progresso e da religião.

Pacificado o ambiente pela missão aventurosa e diplomática, chegavam depois os elementos da colonização.

Em torno de cada ermida, encimada pelo símbolo da Redenção, constituia-se logo o aldeamento,— germe vivo de uma futura colmeia humana...

Assim nasceu a nossa opulenta Pátria, cristã e latina, com a predestinação de mais largas vitórias, ainda, no campo de horizontes sem termo da liberdade espiritual e das prerrogativas jurídicas.

Tudo isso teve por ponto de partida a superior direção dos Jesuitas, que, no conceito exato de preciaro sociólogo patrício, desde Montesquieu até Augusto Comte, tem recebido a admiração de todos os gênios e os insultos de todos os ignorantes!

Este sodalício de homens de estudo, fiéis às tradições inapagaveis do nosso passado histórico e das nossas conquistas geográficas, não podia nem devia ficar silencioso, quando se comemora a passagem do IV Centenário da Companhia de Jesús.

A minha palavra, neste momento, é o eco da gratidão profunda do nosso povo ao esforço sobrenatural dos que moldaram a Nacionalidade no crisol da honra, da paz, da justiça e da ordem.

Traduz a solidariedade moral e cívica da raça aos júbilos desses infatigaveis e denodados operários de Deus, que, por disposição do Altíssimo, celebram a sua festa magna com lágrimas de sofrimento e emoção.

A guerra bárbara submete a família de Santo Inácio, nesta hora crítica da existência universal,

nos paises conflagrados, aos mais angustiosos padecimentos.

Uma sombra de mística tristeza desce sobre o painel das comemorações, motivadas por tão justo e notavel acontecimento.

É que as alegrias dessa tropa de choque da Igreja foram, desde as suas origens, misturadas com o fel da esponja que tocou os lábios do Mestre Divino, no Calvário.

Duros e amargos, como no começo, são ainda hoje os dias dos discípulos de Loiola.

O Instituto do Ceará bendiz a auréola inofuscavel que, há quatro séculos, envolve dos resplendores deslumbrantes da santidade e do heroismo a perseverança imortal desses apóstolos do Senhor nas pugnas, sem remissão e sem treguas, pelo ideal sublime da maior glória de Deus!

te a ação da metilacetilcolina é vizinha à da acetilcolina. É uma ação vaso-dilatadora arteriolar. Mas o fato de sua hidrolise no organismo pela colinesterase ser muito mais lenta que a da acetilcolina traz como consequência uma ação hipotensora incomparavelmente mais duradoura e progressiva. Outro fato de importância capital é ser a metilacetilcolina ativa por via bucal. É justamente este eter-sal metilado da colina que entra na composição do HYPOTAN. Quanto à bromocolina e o cloral, em doses mínimas, reforçam o efeito anti-espasmódico arteriolar da metilacetilcolina. Hypotan atenua a vaso-constrição que, aumentando a resistência arteriolar, é a causa essencial da hipertensão na sua fase inicial funcional de hipertonia.

Regularisando o débito arteriolar Hypotan é o medicamento preventivo dos acidentes

graves das hipertensões oscilantes e instaveis. Hypotan suprime as crises hipertensivas que, se produzindo sobre uma hipertensão de base aparentemente bem tolerada, expõe aos maiores perigos — ictus, amolecimento cerebral — e são tambem a causa dos sintomas subjetivos dos hipertensos (vertigens, cefaleias, zumbidos). As drageas de Hypotan consolidam os resultados das injeções de Acecoline-Solução que é o medicamento de urgência do espasmo arteriolar nas arterites perifericas, cerebrais e na hipertensão.

2 a 6 drágeas por dia.

RUA RIACHUELO, 242 . RIO . TEL. 32-0770